

Teorias do Jornalismo: um estudo de revisão de literatura através de encontros científicos da área da Comunicação¹

Ariane Barbosa LEMOS²

Amanda Alcântara LORENZI³

Universidade do Estado de Minas Gerais, Frutal, MG

RESUMO

Este trabalho aborda as teorias do jornalismo em estudos no campo comunicacional. Os objetivos são verificar a incidência de temáticas, identificar aportes teóricos e mapear a natureza dos objetos de investigação aplicados por pesquisadores brasileiros. A pesquisa encontra-se em fase de desenvolvimento e apresenta os resultados preliminares. A metodologia faz uso da revisão sistemática da literatura (RSL) para avaliar fontes secundárias recuperadas nos anais de três encontros científicos da área das Ciências da Comunicação, abrangendo os estudos sobre o Jornalismo, a saber: INTERCOM, COMPÓS e SBPJor. O recorte temporal considera os anais das edições realizadas entre os anos de 2018 e 2022, tendo como parâmetros os grupos de trabalhos e/ou eixos temáticos dedicados ao escopos das teorias do jornalismo. Espera-se que em sua fase final, este estudo possa oferecer um panorama do estado da arte acerca das correntes teóricas mais referenciadas nas pesquisas brasileiras sobre o campo jornalístico.

Palavras-chave: teorias do jornalismo; revisão de literatura; estudos do jornalismo; encontros científicos.

INTRODUÇÃO

O que é o jornalismo? A emblemática pergunta feita por Nelson Traquina no volume 1 do livro *Teorias do Jornalismo* (2005) segue ecoando duas décadas depois da publicação da primeira edição do exemplar. Os percursos teórico e prático já percorridos pelos pesquisadores que estudam a área tentaram oferecer respostas a esses questionamentos por meio de reflexões que estão na base dos estudos do jornalismo.

1 Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

2 Doutora em Ciência da Informação pela ECI/UFMG. Professora de Jornalismo na UEMG, Unidade Acadêmica de Frutal, email: ariane.lemos@uemg.br.

3 Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UEMG, Unidade Acadêmica de Frutal. Bolsista PAPq UEMG Edital 11/2022, email: amanda.1094775@discente.uemg.br.

A partir do entendimento de Bourdieu sobre campo como um espaço social estruturado para medição de forças, Traquina (2005) prefere referir-se ao jornalismo como “campo jornalístico”. Nesse sentido, os jogadores seriam os agentes sociais que utilizam o jornalismo como recurso para sua estratégia de mobilização. Em jogo, a acirrada disputa por uma premiação, que pode ser entendida como a notícia dada em primeira mão. No campo jornalístico, os times se concentram em dois polos, um ideológico e outro econômico. O primeiro vê o jornalismo como serviço público que fornece aos cidadãos informações úteis para suas decisões diárias, agindo como guardião que os defende de eventuais abusos de poder. De outro, o jornalismo é visto como um negócio e as notícias uma mercadoria que têm alimentado o desenvolvimento de empresas jornalísticas.

Traquina (2005) defende a perspectiva de a notícia ser vista como uma construção social, resultado das inúmeras interações entre agentes sociais que pretendem mobilizá-la como um recurso social em prol das suas estratégias de comunicação e os profissionais em campo que reivindicam o monopólio de um saber, precisamente dominar o que seria a própria notícia. Como consequência disso, o jornalismo acaba sendo uma parte seletiva da realidade. O autor ainda lembra que organizações jornalísticas tentaram por décadas instituir uma rotina produtiva, delimitando uma ordem no espaço e no tempo para os acontecimentos noticiáveis. No contexto digital, mais do que nunca, a notícia não tem local nem hora de se tornar pública e ainda está ao alcance de multidões, em tempo real. Não existe mais local relevante para a geração de notícias muito menos uma rotina pré-estabelecida para as coberturas, colocando em xeque a soberania da rede noticiosa das empresas jornalísticas.

Ao longo das décadas, é possível esboçar um conjunto de teorias que tentam oferecer uma explicação compreensível, sem excluir-se mutuamente. No campo da comunicação social, é interessante entender a lacuna teórica da formação profissional (técnica) e a necessidade de estudos científicos para dar sentido à prática profissional. A ausência de consenso sobre uma sistematização de correntes teóricas, seja por uma organização geográfica, cronológica, temática ou por escolas, é um dos pontos que demandam estudos sobre as Teorias da Comunicação.

De forma semelhante, o jornalismo também conta de estudos sobre correntes teóricas e autores de referência, úteis para o sistematizar o conhecimento da área e

repassá-lo por meio de disciplina teórica comumente ofertada pelos cursos de graduação da área, geralmente denominadas “Teorias do Jornalismo”.

Ao longo do tempo, quais são as teorias basilares nos estudos do jornalismo contemporâneo? A pergunta norteadora desta pesquisa se expressa no objetivo de lançar luz sobre como é o contexto em que o jornalismo acontece, no que diz respeito aos processos de produção e seleção das notícias, o que ajuda a identificar porque as notícias se apresentam com determinados parâmetros e configurações. Dessa forma, é importante manter atualizado o entendimento acerca dessas (re)configurações do fazer jornalístico.

Segundo Pena (2005), as teorias são tentativas de enquadrar pontos de vista; são interpretações críticas. No caso do jornalismo, elas são aplicadas com o intuito de buscar respostas a dois principais questionamentos: (1) por que as notícias são como são? e (2) quais são os efeitos que essas notícias geram? Na esteira dessas indagações, este artigo explora as aplicações teóricas em um conjunto de artigos publicados nos anais do Congresso Nacional de Ciências da Comunicação (Intercom), do Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) e do Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), nos últimos cinco anos. Este trabalho tem natureza qualitativa e o procedimento metodológico adotado é a Revisão Sistemática de Literatura (RSL).

Este trabalho assume o entendimento de que é válido compreender o que tem sido estudado no que diz respeito às teorias do jornalismo e como as pesquisas com esse recorte se desenvolvem.

TEORIZAÇÃO DO CAMPO JORNALÍSTICO

Os estudos sobre a comunicação começaram no início do século XX e se intensificaram ao longo dos anos com o registro da contribuição de pensadores de outras áreas como a Psicologia e a Sociologia, entre outras. Para França e Simões (2017, p. 24), “[...] o resultado desse trabalho de reflexão sobre a comunicação – o somatório de estudos e pesquisas bastante diversificados, de um processo de conhecimento nem sempre cumulativo, mas cada vez mais abrangente e volumoso – é o que chamamos Teoria ou Teorias da Comunicação.”.

A definição do objeto de estudo das Ciências da Comunicação é constantemente debatido e não há um consenso sobre a sua definição. De acordo com Martino e Marques de Melo (2015, p. 13), “[...] há inúmeros aportes, conceitos e teorias vinculadas aos estudos da área, bem como diversas proposições a respeito dos temas e objetos de estudo, métodos e problemáticas.”. Apesar de não haver consenso sobre a definição do objeto da área bem como sobre a melhor forma de sistematizar e organizar as linhas teóricas da comunicação, há um ponto em comum: o impacto das intensas transformações vividas pelo mundo ocidental na maneira com a qual as pessoas se comunicam entre si. França e Simões (2017, p. 35) explicam que:

O conhecimento da comunicação surge marcado pelas questões colocadas pela urbanização crescente, pela fase de consolidação do capitalismo industrial e pela instalação da sociedade de consumo, pela expansão do imperialismo norte-americano, pela divisão política do globo entre capitalismo e comunismo. A aceleração dos estudos reflete também o papel central ocupado pela ciência, que responde cada vez mais pelo progresso e planificação da vida social.

Traquina (2005) defende que o jornalismo que conhecemos hoje tem suas raízes no século XIX, quando houve o desenvolvimento da primeira mídia de massa: a imprensa. Na sequência, viu-se a expansão dos jornais, a partir do estabelecimento da profissão de jornalista e, especialmente, da diferenciação entre notícia e publicidade, a partir da distinção entre informação e opinião. Nesse último ponto, Marques de Melo e Assis (2016) propuseram um modelo classificatório dos gêneros e formatos jornalísticos que norteia a produção de conteúdos jornalísticos.

Na perspectiva desses autores,

A classificação das manifestações jornalísticas, no tempo e no espaço, vem sendo objeto de instigante debate entre teóricos, desde que o Jornalismo se converteu em objeto de reflexão acadêmica. Há os que advogam critérios fundamentados na observação empírica, ou seja, ancorados nas práticas cotidianas das empresas. Outros constroem esquemas baseados em variáveis exógenas, subordinadas à natureza das expressões linguísticas correntes na sociedade. E há até mesmo os que endossam categorias pós-modernas, caracterizadas pelo hibridismo das formas e pela contaminação dos conteúdos (Assis, Marques de Melo, 2016, p. 41).

Se reconhecer e a organizar as categorias de matérias regularmente praticadas no âmbito da imprensa brasileira é relevante, compreender as bases teóricas que sustentam

estudos dessa natureza torna-se fundamental. Somado à compreensão do desenvolvimento da imprensa, as mudanças de sistema econômico, os avanços tecnológicos e a evolução do sistema político, a partir da consolidação da democracia, são fatores determinantes para a consolidação do jornalismo. Há de se citar ainda fatores sociais, a exemplo da alfabetização, que garantiram o acesso da população às notícias escritas (Traquina, 2005).

Acerca do fazer jornalístico, dois polos se evidenciam. Um deles, o econômico/comercial, considera a produção da notícia como uma mercadoria, tendo em vista o seu caráter de produção em escala industrial e as formas de organização de trabalho nas redações. O outro, por sua vez, ressalta o viés ideológico/intelectual, ao projetar na notícia o aspecto de bem público, serviço, revelando, assim, um dos pilares de sociedades democráticas (Pena, 2005).

Conforme descreve Traquina (2005), os estudos científicos brasileiros tendo o jornalismo como objeto de pesquisa surgiram em 1970 e se intensificaram na década seguinte diante da inclusão da temática “teorias do jornalismo” como disciplina obrigatória nos cursos de graduação. O autor cita pesquisadores que muito contribuíram aos estudos do campo, a exemplo de José Marques Melo, Ciro Marcondes Filho, Alberto Dines e Nilson Lage.

Os primeiros passos dos estudiosos na área começaram com Walter Benjamin sobre opinião pública, seguidos com o advento da Teoria do Espelho, cuja proposta baseava-se na produção de textos com total isenção, garantindo a missão do jornalista em comunicar a verdade, sem interferências de interesses pessoais. Ou seja, as notícias seriam determinadas pela realidade e não o contrário (Traquina, 2005).

As teorias que vieram na sequência igualmente tentaram explicar o porquê de as notícias serem de determinada forma bem como compreender qual o efeito das notícias nas pessoas. Os meios de produção jornalística mudaram ao longo do tempo: jornal, rádio e televisão passaram (e passam) por um processo de midiamorfose em função do advento da internet e da produção e disseminação de notícias no contexto digital. Passadas cinco décadas, quais são os autores de referência quando o assunto são as teorias do jornalismo? Concentra-se neste ponto a principal justificativa para esta pesquisa.

Compreender as teorias é lançar luz sobre como é o contexto em que o jornalismo acontece, no que dizem respeito aos processos de produção e seleção das notícias, o que ajuda a identificar porque as notícias se apresentam com determinados parâmetros e configurações. Dessa forma, é importante manter atualizado o entendimento acerca dessas (re)configurações do fazer jornalístico.

Ao percorrer abordagens teóricas acerca do fazer jornalístico, tem-se o exercício do pensamento crítico sobre a *práxis*. Além disso, torna-se possível compreender os elementos que sustentam a prática jornalística como mediadora da realidade, incluindo a reflexão que envolve o jornalismo aplicado ao contexto das tecnologias digitais de comunicação.

Nesse último ponto, Assis e Marques de Melo (2016) propuseram um modelo classificatório dos gêneros e formatos jornalísticos que norteia a produção de conteúdos jornalísticos. Se reconhecer e a organizar as categorias de matérias regularmente praticadas no âmbito da imprensa brasileira é relevante, compreender as bases teóricas que sustentam estudos dessa natureza torna-se fundamental. Somado à compreensão do desenvolvimento da imprensa, as mudanças de sistema econômico, os avanços tecnológicos e a evolução do sistema político, a partir da consolidação da democracia, são fatores determinantes para o estabelecimento do campo jornalístico, incluindo reflexões éticas, técnicas e estéticas. Há de se citar ainda fatores sociais, a exemplo da alfabetização, que garantiram o acesso da população às notícias escritas (Traquina, 2005), e nas últimas décadas o fenômeno da internet que reconfigurou os modelos de consumo de informações e o relacionamento das pessoas com as mídias.

PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho tem natureza qualitativa e o procedimento metodológico escolhido é a Revisão Sistemática de Literatura (RSL). Segundo Sampaio e Mancini (2007, p. 83), as RSLs [...] são desenhadas para serem metódicas explícitas e passíveis de reprodução. Esse tipo de estudo serve para nortear o desenvolvimento de projetos, indicando novos rumos para futuras investigações e identificando quais métodos de pesquisa foram utilizados em uma área.

Atendendo aos princípios desse procedimento metodológico, foi criado um protocolo para garantir padrões de coleta e de análise dos artigos publicados nos anais. A primeira etapa de uma RSL é a definição do tema, a partir disso, segue-se para a consulta na fonte de dados.

Assim, foi feito um levantamento bibliográfico nos anais de eventos científicos como fontes secundárias, referentes às últimas cinco edições (2018-2022). A coleta de dados feita nos anais dos seguintes eventos e seus respectivos eixos temáticos:

1. Congresso Nacional de Ciências da Comunicação – INTERCOM, promovido pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação;
 - a) GP: Teorias do Jornalismo;
2. Encontro Anual da COMPÓS, promovido pela Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação;
 - a) Eixo 14: Estudos de Jornalismo;
3. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor, promovido pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo;
 - a) Eixo 2: Fundamentos Teóricos do Jornalismo.

A partir da coleta realizada no mês de junho de 2023, foram mapeados 205 trabalhos, conforme anais disponíveis em cada uma das edições dos eventos pesquisados, já que alguns anais estavam indisponíveis no ato da coleta. Para a seleção dos trabalhos, aplicou-se um filtro nas palavras-chave, considerando os termos “teorias do jornalismo”, “epistemologia”, “estudo do jornalismo” ou o nome específico de uma teoria do jornalismo, a exemplo da *Agendamento*, *Newsmaking*, *Gatekeeper*, dentre outras. Assim, foi possível chegar a um *corpus* de 52 artigos.

Ao conteúdo dos artigos selecionados, foi aplicada a técnica de análise de conteúdo qualitativa temática, tendo as palavras-chave como referências. Conforme explicam Sampaio e Lycarião (2021, p. 7),

Análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa científica baseada em procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais, visuais ou escritos, buscando descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos.

Em fase posterior deste estudo em desenvolvimento, serão criadas categorias temáticas para a análise da íntegra dos artigos. Neste trabalho, de forma preliminar, foram analisadas exclusivamente as palavras-chave.

TEORIAS DO JORNALISMO NOS ENCONTROS CIENTÍFICOS DA ÁREA

A análise das palavras-chave dos artigos selecionados entre os trabalhos publicados nos anais do Intercom, SBPJor e Compós, das edições entre 2018 e 2022, permite, apontar que algumas teorias basilares seguem marcando a agenda de pesquisa dos estudos do Jornalismo. Considerando as teorias do jornalismo citadas por Pena (2005) e Traquina (2005), entre todos os 205 trabalhos, apenas quatro são citadas, sendo a do Agendamento aquele com maior incidência (ver Quadro 1).

Quadro 1 – Incidência de aportes teóricos

Teoria	Incidência
Agendamento (<i>Agenda-Setting</i>)	8
Ação Pessoal (<i>Gatekeeper</i>)	5
<i>Newsmaking</i>	2
Ação Política	1
Teoria do Espelho	0
Organizacional	0
Construcionista	0
Interacionista	0
Estruturalista	0

Fonte: elaboração própria, 2023

O levantamento não inclui as discussões em torno do infotenimento (quatro incidências), enquadramento (três incidências) e *fact news/fact checking* (nove e seis incidências, respectivamente). Com relação às teorias da comunicação, de forma mais ampla, são citadas Teoria Crítica (2 incidências), Estudos Culturais (1 incidência) e Indústria Cultural (1 incidência). Com relação a autores, apenas o nome de Alberto Dines é citado. Outros profissionais de jornalismo como Luiz Amaral, Matheus Leitão e Eliane

Brum, assim como alguns veículos de imprensa estão relacionados entre as palavras-chave.

Ampliando a análise das palavras-chave para além da citação direta de aportes teóricos, para cada grupo de artigos foi criada uma nuvem de palavras a partir das palavras-chave relacionadas pelos autores dos trabalhos. Para gerar a nuvem de palavras foi utilizado o software gratuito ABCya Word Clouds⁴. Embora com recursos limitados, oferece uma interface intuitiva e de fácil manuseio, possibilitando a inserção de texto e alterações no formato (fontes, cores e layout da nuvem criada).

A Figura 1 traz a imagem do conjunto de palavras listadas nos 205 trabalhos mapeados, na primeira fase da coleta.

Figura 1 – Nuvem de palavras com as palavras-chave dos 205 artigos identificados



Fonte: elaboração própria, 2023

Por sua vez, a Figura 2 traz a imagem do conjunto de palavras dos 52 artigos selecionados, após a aplicação de filtro nas palavras-chave, na segunda etapa da coleta.

Figura 2 – Nuvem de palavras com as palavras-chave dos 52 artigos selecionados

4 Software gratuito disponível no endereço https://www.abcya.com/games/word_clouds.



Fonte: elaboração própria, 2023

Mesmo com um número reduzido de trabalhos analisados, de 205 para 52, a incidência das palavras é similar nas duas figuras. Além de termos inerentes à natureza da pesquisa, como “teoria”, “jornalismo”, “comunicação” e seus correlatos, outros termos basilares relacionados às teorias também estão em evidência. Como exemplo disso, citam-se “gêneros” (jornalísticos), “objetividade”, “credibilidade” e “social”, remetendo a sociedade. Outros termos se destacaram em cada uma das nuvens de palavras, reproduzindo discussões mais contemporâneas. Entre eles estão “infodemia” e “desinformação”, temáticas relevantes que têm ocupado a agenda de pesquisa do Jornalismo (e de outras áreas) nos últimos anos.

No esforço de responder à pergunta sobre quais são as teorias basilares nos estudos do jornalismo contemporâneo, pode-se dizer que Teoria do Agendamento mantém a sua consistência nos estudos do jornalismo. De forma subjacente, o termo credibilidade também aparece de forma recorrente nos trabalhos analisados, especialmente quando associados ao fenômeno da desinformação que mais recentemente ocupa posto de destaque na agenda de estudos do jornalismo. Por outro lado, a ausência de autores ocupando espaço de destaque entre os termos representativos dos artigos, é um indício de que o campo jornalístico não mantém uma consistência entre os autores de referência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que, ao percorrer abordagens teóricas acerca do fazer jornalístico, tem-se o exercício do pensamento crítico sobre a *práxis*. Além disso, torna-se possível compreender os elementos que sustentam a prática jornalística como mediadora da realidade, incluindo a reflexão que envolve o jornalismo aplicado ao contexto das tecnologias digitais de comunicação.

A partir da RSL com a temática Teorias do Jornalismo e feita nos anais do Intercom, Compós e SBPJor, espera-se ainda indicar correntes teóricas, autores de referência, objetos de estudo e metodologias de pesquisa no contexto teórico brasileiro e identificar as principais tendências da área, apontando como a teoria se associa à *práxis*, incluindo o contexto digital de produção das notícias.

Importante dizer que este artigo traz resultados preliminares do estudo em fase de desenvolvimento. Nas próximas etapas, o método de análise de conteúdo será aplicado de forma a categorizar os artigos selecionados para que os resultados satisfaçam a construção de inferências e interpretações referentes ao *corpus* analisado. Os 52 artigos serão analisados de forma a possibilitar a tabulação, considerando: ano de publicação, tema, objeto de estudo, corrente teórica e autores de referência, de forma a codificar e, posteriormente categorizar, as temáticas.

REFERÊNCIAS

FRANÇA, Vera F.; SIMÕES, Paula G. **Curso Básico de Teorias da Comunicação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. **Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v. 39, n. 1, p. 39-56, jan./abr. 2016.

MARTINO, Luís Mauro Sá; MARQUES, Angela Cristina Salgueiro (org.). **Teorias da Comunicação: processos, desafios e limites**. São Paulo: Pleiade, 2015.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Editora Contexto. 2005.

SAMPAIO, RF; MANCINI, MC. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARYÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação**. Brasília: Enap, 2021.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** – Por que as notícias são como são?. vol.1, 2ª ed., São Paulo: Insular, 2005.